

RECREAÇÃO ESCOLAR

Karen Sabrina Frello Tristão¹

Francisco José Fornari Sousa²

RESUMO

A recreação é um dos conteúdos trabalhados em sala de aula nas aulas de educação física, com o objetivo de desenvolver atenção, estímulo, memorização, raciocínio e agilidade, velocidade de reação e percepção, entre outros. O objetivo do presente trabalho foi vivenciar o dia-a-dia na sala de aula, os conteúdos na Educação Física relacionados com Recreação. Desta forma, foram planejados e aplicados três planos de aulas, para alunos Educação Infantil, de uma escola pública da cidade de Lages. Os dados foram coletados em ficha própria e analisados conforme os critérios adotados. As atividades realizadas atingiram os objetivos propostos, houve envolvimento e participação de todas as crianças. A recreação é mais uma ferramenta para o professor de educação física desenvolver seus objetivos dentro educativos.

Palavras Chave: Recreação, Educação Física, Educação Infantil, Lúdico, Jogo.

Recreation is one of the contents worked in class in physical education classes, with the aim of developing attention, stimulation, memory, reasoning and speed, speed of reaction and perception, among others. The objective of this study was to experience the day-to-day in the classroom, the contents in Physical Education-related recreation. Thus, they were planned and implemented three lesson plans for early childhood education students in a public school in the city of Lages. Data were collected on the plug itself and analyzed according to the criteria adopted. The activities performed reached the goals, there was involvement and participation of all children. Recreation is more a tool for physical education teacher develop their goals in education.

Key-words: Recreation. Physical Education. Early Childhood Education. Playful. Play.

¹ Acadêmica do Curso de Educação Física, do Centro Universitário FACVEST.

² Professor da disciplina de TCC

1- INTRODUÇÃO

O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial do comportamento humano. Deste modo, a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. Na atividade lúdica, o que importa é o momento vivido, possibilitando a quem a vivencia, momentos de encontro consigo e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, momentos de vida (LUCKESI, 2000).

“Jogar é uma atividade natural do ser humano. Ao brincar e jogar, a criança fica tão envolvida com o que está fazendo, que coloca na ação seu sentimento e emoção. A recreação, assim como a atividade artística, é um elo integrador entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais.” (RIZZI; HAYDT, 1986 apud ALVES, 2011, p.7).

Segundo Freire e Scaglia (2003), o jogo é uma categoria maior, uma metáfora da vida, uma simulação lúdica da realidade que se manifesta, se concretiza quando as pessoas praticam esportes, quando lutam, quando fazem ginástica ou quando as crianças brincam.

“Não basta fazer, é preciso compreender. O homem é um animal que precisa levar o real ao seu imaginário, torná-lo símbolo e, lidando com ele, compreender suas próprias ações.” (DE MARCO, 1995).

A criança tem que ser tratada como criança, e a escola terá que se adaptar a isso. A escola não pode se ater somente a cabeça da criança, mas sim, ao corpo inteiro. Segundo Freire e Scaglia (2003), é fazermos incorporar a necessidade de educar todos os sentidos, ensinar a ver, ouvir, cheirar, saborear, tocar, é tão possível e tão importante quanto ensinar química. Compreender o desenvolvimento das funções simbólicas de uma criança, não difere muito de compreender suas funções motoras.

Entre professores ditos “especialistas” ocorre uma forte hierarquização em relação à área de formação: educação física e artes são áreas consideradas menos “nobres” e, portanto, são desvalorizadas entre as disciplinas escolares. Essas hierarquizações, aliadas à ausência de propostas oficiais para uma formação qualificada dos profissionais que atuam e que pretendem atuar na educação infantil, trazem conseqüências negativas para o desenvolvimento do trabalho educativo em creches e pré-escolas (BARRETO, 1995).

Gonçalves Junior (2007, p.31) comenta:

Por falar em cultura, observamos comumente nas aulas de Educação Física, a predominância do esporte como conteúdo por vezes exclusivo, o que acaba por reduzir o universo da Motricidade Humana, circunscrevendo-o, não raro, ao

contexto cultural estadunidense e/ou europeu do futebol, voleibol, basquetebol e handebol, em detrimento das potencialidades que podem ser exploradas ao propor a vivência de outras manifestações da Motricidade Humana (jogos, brincadeiras, lutas, danças), oriundas da diversidade cultural de diferentes povos que construíram e constroem o Brasil, tais como os africanos, os indígenas e os orientais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (BRASIL, 1997), indicam a importância de se conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crença, de sexo, de etnia ou características individuais e sociais.

2- RECREAÇÃO: O JOGAR E AS BRINCADEIRAS

A recreação teve sua origem na pré-história, quando o homem primitivo se divertia festejando o início da temporada de caça, ou a habitação de uma nova caverna. As atividades sociais dos adultos representadas pelos jogos coletivos de culto religioso foram divulgadas de geração em geração pelas crianças em forma de brincadeiras. (GUERRA, 1996)

A palavra recreação é de origem latina, “*recreare*”, o que significa recrear, reproduzir, renovar. Compreende todas as atividades espontâneas, prazerosas e criadoras, que o indivíduo busca para melhor ocupar seu tempo livre. (GUERRA, 1996)

Para Cavallari (2001), a recreação é a circunstância que o indivíduo escolhe espontaneamente, através do qual sacia seus anseios voltados ao lazer. Podemos ainda dizer que a recreação é uma atitude. Toda e qualquer brincadeira leva o indivíduo a se entreter, alegrar, passar o tempo ocioso, o tempo em que não há nada para fazer.

A recreação na escola é o mais antigo trabalho de recreação. Antigamente os professores trabalhavam com atividades com o intuito de desenvolver o psicomotor e a cultura de seus alunos. Aos poucos, poucos a recreação foi tomando espaço até mesmo fora da escola. (CAVALLARI, 2001)

Na recreação em aula, sempre está presente o objetivo cultural e/ou informativo, já que a própria recreação, tem o objetivo de recrear. E qualquer atividade recreativa sempre será uma brincadeira ou jogo. (CAVALLARI, 2001)

Ensinar as crianças formas de brincar com e sem material, improvisar jogos e usar as horas livres de uma forma sadia e produtiva. Organizar jogos com que as atividades obedeçam

regras de jogo; correr a vontade e poucos movimentos. Exercitar as grandes massas musculares, ativar os sentidos e a memória por meio de jogos sensoriais. Pois é através dos jogos que descobrimos a personalidade de cada criança. E elas aprendem a aceitar, controlar emoções. (GUERRA, 1996)

Guerra (1996), cita o método natural de Hébert para classificar os jogos, o qual varia de acordo com o objetivo de cada autor. Os jogos podem ser divididos em ativos (alta intensidade), moderados (média intensidade) e calmos (baixa intensidade). Porém o mesmo jogo pode ser ativo para um e moderado para outros.

O jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo, para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente. (SOARES, 1992)

O jogo satisfaz necessidades das crianças, especialmente a necessidade de ação. Para entender o avanço da criança no seu desenvolvimento, devemos conhecer quais as motivações, tendências e incentivos que colocam em ação.

Devemos trabalhar com as crianças da seguinte forma: com jogos cujo conteúdo implique o reconhecimento de si mesmo e das próprias possibilidades de ação; jogos que cujo conteúdo implique inter-relações com as outras matérias; jogos cujo conteúdo implique a auto-avaliação e a avaliação coletiva das próprias atividades, etc. (SOARES, 1992)

As ações educativas devem estruturar-se em três grandes eixos: o domínio teórico-conceitual, os procedimentos e as vivências. Somente deste modo, podemos acreditar que as atividades como a ginástica, os esportes, a dança, os jogos, as brincadeiras e linguagens corporais expressivas, serão capazes de estabelecer mediações com os conhecimentos que articulam a educação para a saúde, para o lazer, para o trabalho, com ênfase na leitura e na produção de textos, presentes na escola. (BRASIL, 1997)

Dentro dessa perspectiva se faz necessário construir novas possibilidades no espaço da aula. A construção de aulas criativas, pode ser mais eficaz na adaptação de instrumentos capazes de mobilizar conhecimentos científicos e culturais no trato com o corpo. (BRASIL, 1997)

Ao questionar sobre o tema Jogos, seria impossível não imaginarmos sua vivência, e até mesmo levar os alunos ao conhecimento reflexivo – que saibam brincar, mas que sejam capazes de conhecer e identificar os sentidos e os significados do jogo e de suas simbolizações culturais. Já o Esporte, a prática de sociabilização, o divertimento e o aprimoramento da técnica, deve servir de objeto de reflexão quanto a sua realidade,

permitindo a ampliação de novos saberes educativos, culturais e sociais e as implicações da produção e do consumo do fenômeno esportivo. (BRASIL, 1997)

O brincar e o divertir com os alunos sempre fizeram parte da ação lúdica constitutiva dos conteúdos da Educação Física. Devemos orientar as possibilidades de imprimir características diferentes para estas atividades, assim como velocidade, força, etc., bem como observar os resultados. (SOARES, 1992)

Por meio da brincadeira a criança envolve-se no jogo e sente a necessidade de partilhar com o outro. Ainda que em postura de adversário, a parceria é um estabelecimento de relação. Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras. (ALMEIDA, 2009)

Brincando a criança torna-se operativa, desenvolve o conhecimento mútuo e a participação grupal, a busca da convivência com colegas da mesma idade, ocupação para o tempo ocioso, adquire hábitos de relações interpessoais, desenvolve a comunicação verbal e não-verbal, descobre habilidades lúdicas, desenvolve adaptação emocional, descobre sistemas de valores. (ALMEIDA, 2009)

3- ATUANDO NA PRÁTICA

As crianças são aceitas na Educação Infantil a partir do momento em que começam a falar, isto é, entre 18 e 24 meses de vida. Segundo Freire (1997), é possível notar a dificuldade inicial de uma criança para segurar objetos delicados ou para dar os primeiros passos.

Nesta idade, o aluno tem uma visão sincrética da realidade. Os dados aparecem de forma difusa, misturados. Cabe ao professor, organizar a identificação desses dados contatados e descritos pelo aluno para que ele possa formar sistemas, encontrar as relações entre as coisas, identificando as semelhanças e as diferenças. O aluno dá um salto qualitativo quando começa a categorizar os objetivos, classificá-los e associá-los. (SOARES, 1992)

Conforme nos alerta Freire (1998), devemos respeitar os saberes dos nossos alunos, discutindo a relação desses saberes com o ensino dos conteúdos trabalhados em sala de aula, aproveitando a experiência que eles já têm, comparando a realidade ao componente curricular cujo conteúdo se ensina.

Trata-se, segundo Freire (2005) de respeitar o “saber de experiência feito”, ou seja, os saberes do aluno, pois chegando ao espaço escolar, ele já traz consigo uma compreensão do mundo.

Desta forma, foram realizadas três aulas práticas, trabalhando o assunto em questão. Em cada uma das aulas foram feitas notas de campo, sempre ao término dos compromissos na escola em que se desenvolveu o estudo.

Conforme propõe Bogdan e Biklen (1994), devemos depois de voltar de cada observação, escrever o que aconteceu. Nestas observações devem constar descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas, registro de idéias, estratégias, reflexões e palpites.

No decorrer das aulas, fomos anotando em fichas próprias os acontecimentos, observando, particularmente se ocorria à valorização dos jogos e brincadeiras pelos alunos e os processos educativos envolvidos diante do levantamento, apresentação, aprendizado e diálogos destes.

Neste contexto, logo na primeira aula foi necessário dialogarmos sobre o que se tratava as aulas e o por que de estarmos ali. Muitos alunos não conheciam a maioria das atividades propostas, sendo a maioria delas tradicionais.

Uns com os outros, foram ensinando e aprendendo e ao mesmo tempo construindo uma compreensão significativa acerca das atividades.

Estudamos os conteúdos propostos, com as crianças. Houve aprendizado, visto que compreenderam a proposta de estudo. A primeira aula é um período de conhecer a turma e eles de nos conhecerem. Através da interação, as crianças vão se “soltando” um pouco mais. Desta forma, pensamos que foi muito produtivo tanto para nós acadêmicos, como para os alunos. É emocionante vê-las interagindo, aprendendo. A proposta da primeira aula foi de desenvolver a orientação espacial, concentração, agilidade e principalmente a interação com os demais colegas.

Na segunda aula já estávamos familiarizados, onde ficamos mais a vontade. É muito gratificante participar do processo de (trans) formação das crianças, ao mesmo tempo que ensinamos, aprendemos com elas. A cada experiência, percebemos que escolhemos uma excelente profissão. A proposta da segunda aula foi de desenvolver a atenção, percepção, agilidade e rapidez de raciocínio.

Na terceira e última aula, os alunos participaram com muito entusiasmo, como fora nas aulas anteriores. Avaliamos conforme a participação, interação, curiosidade, de cada um. E nesse ponto, todos são muito curiosos.

Todas as crianças participaram, com muito entusiasmo. Sentimos que nossos ensinamentos e interação com eles surtiu o efeito esperado. Vivenciamos uma experiência muito prazerosa. Enriquecendo nosso aprendizado prático, junto às crianças.

Foram dias interessantes e alegres. As crianças no começo das aulas estavam um pouco tímidas, mas ao modo que as aulas decorriam, elas foram se soltando e interagindo, correspondendo com o que havíamos lhes pedido.

Durante as atividades a organização, materiais e os exercícios foram bastante aceitos pelos alunos, participando, colocando em evidencia como é importante o trabalho em grupo.

5- CONCLUSÃO

Acreditamos, como Freire (2005), que o ato de educar envolve necessariamente o de educar-se, sendo necessária a afetividade, a humildade, o gosto pelo ensinar e aprender, a busca incansável pela competência e pela esperança engajada da transformação pessoal (somos seres incompletos e inconclusos), da educação e do mundo.

Uma aula com características lúdicas não precisa ter jogos ou brinquedos. O que traz ludicidade para a sala de aula é muito mais uma "atitude" lúdica do educador e dos seus alunos. Assumir essa postura implica sensibilidade, envolvimento, uma mudança interna, implica não somente uma mudança cognitiva, mas, principalmente, uma mudança afetiva.

Sala de aula é um lugar de brincar se o professor consegue conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno. Para isso é necessário encontrar equilíbrio sempre móvel entre o cumprimento de suas funções pedagógicas e contribuir para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo.

Brincando, os corpos expressam a ordem interna da vivência lúdica, cujo ritmo e harmonia são construídos pelos jogadores em clima envolvente, que desafia a todos como parceiros: uns assumem-se aos outros e a realidade onde acontece a ação brincante.

Viver o lazer como esforço por concretizar o lúdico é, sobretudo, renovar relações interpessoais, experiências corporais, ambientes, temporalidades e energias; é reencontrar consigo mesmo, com o que gosta e deseja; compreender como nossos sonhos se constituem no contexto em que vivemos; transbordar a crítica e a criatividade; é saborear o momento presente como possibilidade de vivências de utopias, ou seja, com alegria, buscar interferir nos horizontes que enunciam o presente.

REFERÊNCIAS

DE MARCO, Ademir (org). Pensando a educação motora. 4.ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 1995.

ALMEIDA, Anne. Recreação – Ludicidade como instrumento Pedagógico. Disponível em <http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>. Acesso em 06 de julho de 2011.

ALVES, João Bosco. Jogos e brincadeiras na sala de aula da 4ª série “A” da Escola Municipal Rancho Amigo – Município de Nova Xavantina – MT. Disponível em: http://biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia_20120123145504.pdf. Acessado em: 21 julho 2011.

BARRETO, A.M.R.F. Educação infantil no Brasil: desafios colocados. Caderno CEDES: Grandes políticas para os pequenos: educação infantil, 1995.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. S.E.F. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC / SEF, 1997.

CAVALLARI, Vinícius Ricardo; ZACHARIAS, Vany. Trabalhando com Recreação. 5 ed. Revisão e Ampliação. São Paulo: Icone, 2001.

FREIRE, João Batista. Educação de Corpo Inteiro. 4 ed, São Paulo: Spicione, 1997.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. Educação como Prática Corporal. São Paulo: Spicione, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. A motricidade humana no ensino fundamental. São Paulo: ALESP, 2007.

GUERRA, Marlene. Recreação e Lazer. 5 ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos (org.). Ludopedagogia - Ensaio 1: Educação e Ludicidade. Salvador: Gepel, 2000.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). Lúdico, Educação e Educação Física. Ijuí: Unijuí, 1999.

SOARES, Carmem Lúcia (Coletivo de Autores) Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Editora Cortez. 1992.